

Voltando para o presente: na Clínica Psiquiátrica

Ao ler e reler essas páginas anteriores descobri que fui imperdoavelmente egocêntrico, imoralmente prolixo e disperso; e com uma coisa nada importante quando comparado com o descrever os eventos na ordem que eles aconteceram!

E, ainda mais, sinto que, se eu cortar isso, também devo cortar aquilo; o que me levaria a cortar tudo, em um completo desencorajamento; e eu tenho uma história sobre eventos imaginários muito interessantes para contar e que vale a pena contar!

Suponho que, uma vez ter iniciado o caminho, eu devo ter achado a tentação de falar sobre mim mesmo algo irresistível.

Evidentemente, é um hábito fácil de adquirir, mesmo na velhice – talvez especialmente na velhice, pois nunca tive esse hábito ao longo da minha vida. Eu teria conversado com você, leitor, ou sobre você com outra pessoa – seu amigo ou até seu inimigo - ou sobre eles com você.

Todavia, de fato, no momento e até que eu morra, não tenho uma alma para conversar sobre alguém ou algo que valha a pena falar, de modo que a maioria das minhas conversas são feitas na pena e na tinta – uma conversa unilateral, ó paciente leitor, com você mesmo. Sou o velho mais solitário do mundo, embora talvez seja o mais feliz.

Ainda assim, nem sempre é divertido e entusiasmante onde moro, aguardo alegremente minha translação para outra esfera.

É verdade, existe o bom capelão e um bom padre; tenho a impressão que eles conversam comigo sobre mim mesmo um pouco até demais; e há o médico, que conversa comigo sobre o padre e o capelão, e que é bem

melhor. Parece que ele não gosta deles. Ele é um homem que usa muito as palavras de um modo inteligente e divertido.

Contudo, meu irmão se comporta de um modo estúpido e perigoso!

Afinal de contas, eles são como todo mundo, lamentavelmente. Eles só são interessantes quando a raiva se apodera deles. Quando livres de suas terríveis queixas, na maioria das vezes, são pessoas mortais comuns: Filisteus convencionais, cães sem graça – como eu – e cães sem graça, normalmente, não se gostam.

Dois dos mais razoáveis, práticos e que demonstram bom senso no julgar (um falsificador, o outro cleptomaniaco, em uma escala de importância) são meus amigos. Eles são homens da cidade e bem-educados, respeitáveis, limpos, imponentes, meticoloso e resignado, porém, ambos são infelizes; não porque sejam amaldiçoados com a dupla marca de loucura e crime ou perderam sua liberdade em consequência disso, mas porque descobriram que há tão poucas “senhoras e senhores” em uma clínica psiquiátrica para criminosos, e que sempre foram usados para “a sociedade de senhoras e senhores”. Se não fosse por isso, eles estariam bem satisfeitos em morar aqui. E cada um tem o hábito de confidenciar a mim, dizendo que ele considera que o outro é um sujeito muito respeitável e confiável, e muito mais, mas não que seja completamente “um cavalheiro”. Eu não sei como que eles me consideram; provavelmente falam também um para o outro sobre mim.

Alguma coisa pode ser menos estranha, menos excêntrica ou interessante?

Outra coisa, quando está lúcido, fala Inglês com sotaque francês e gesticula enquanto fala francês, e lamenta as glórias perdidas do antigo regime francês e faz questão de simular as palavras inglesas mais simples. No

entanto, ele não sabe uma palavra em francês. Contudo, quando sua loucura aflora, e ele é colocado em uma camisa de força, todo o seu inglês volta e se expressa com um inglês marcante, fluente e idiomático, do tipo mais londrino, com todos os seus “h's” devidamente transpostos.

Uma outra pessoa (a mais desagradável e mais feia daqui) me escolheu como confidente de seus amores passados; ele sabe os nomes e datas de tudo. Quanto menos eu escuto, mais ele confia. Ele me deixa doente. O que posso fazer para ele evitar de achar que eu acredito nele? Estou cansado de eliminar pessoas que mentem sobre mulheres. Se eu o chamasse de mentiroso e não confiável, poderia despertar nele um deleite de um frenesi adormecido – pois eu estou tanto na escuridão quanto à natureza de sua enfermidade mental.

E mais outra pessoa, um jovem fraco, porém, amável e bem-intencionado, tenta pensar que é muito apaixonado por música; no entanto, ele é tão exclusivista que só pode suportar Bach¹ e Beethoven² e, quando ouve Mendelssohn³ ou Chopin⁴, é obrigado a sair da sala. Se quero agradá-lo, assobio “Le Bon Roi Dagobert”⁵ e digo-lhe que é um tema de uma das

¹ N.T.: Johann Sebastian Bach (1685—1750) foi um compositor, cravista, Kapellmeister, regente, organista, professor, violinista e violista oriundo do Sacro Império Romano-Germânico, atual Alemanha. Bach é tido como o maior nome da música barroca, e muitos o veem como o maior compositor de todos os tempos, ganhando também o título de “Pai da Música”, elogiado e estudado por grandes compositores como Mozart e Beethoven, deixando muitas obras que constituem a consumação de seu gênero. Entre suas peças mais conhecidas e importantes estão os Concertos de Brandenburgo, o Cravo Bem-Temperado, as Sonatas e Partitas para violino solo, a Missa em Si Menor, a Toccata e Fuga em Ré Menor, a Paixão segundo São Mateus, a Oferenda Musical, a Arte da Fuga e várias de suas cantatas.

² N.T.: Ludwig van Beethoven (1770—1827) foi um compositor alemão, do período de transição entre o Classicismo (século XVIII) e o Romantismo (século XIX). É considerado um dos pilares da música ocidental, pelo incontestável desenvolvimento, tanto da linguagem como do conteúdo musical demonstrado nas suas obras, permanecendo como um dos compositores mais respeitados e mais influentes de todos os tempos.

³ N.T.: Jakob Ludwig Felix Mendelssohn Bartholdy, conhecido como Felix Mendelssohn (1809 —1847), foi um compositor, pianista e maestro alemão do início do período romântico.

⁴ N.T.: Frédéric François Chopin, também chamado Fryderyk Franciszek Chopin (1810—1849), foi um pianista polaco radicado na França e compositor para piano da era romântica. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história.

⁵ N.T.: Antiga canção tradicional francesa: O bom Rei Dagoberto, que tinha a intenção de ridicularizar a realeza francesa.

Fugas de Bach⁶; e para me livrar dele, assobio novamente e digo que é um dos improvisos de Chopin. Nunca saberei, com certeza, qual é a loucura dele, pois ele é muito introspectivo, contudo, ouvi dizer que gosta de assar gatos vivos; e que a mera visão de um gato é suficiente para despertar sua terrível inclinação e tirar toda atribuição saudável, pacífica, inofensiva e natural da sua cabeça.

⁶ N.T.: A fuga, uma forma ou maneira de escrever música que existe desde a Renascença, teve seu auge no período barroco graças ao mestre das fugas Johann Sebastian Bach (1685-1750). O ilustre compositor alemão nos deixou um manuscrito à 4 vozes sem indicação de instrumentação intitulado “Die Kunst der Fuge” – A Arte da Fuga. Essa obra prima, que Bach compôs no fim de sua vida, nos deixa perplexos pela sua perfeição e pelos enigmas musicais de seu legado. Um ‘prato cheio’ para o Quinta Essentia quarteto, o qual tem como fundamento a divulgação das possibilidades de um instrumento musical cujo auge se deu no período de excelência das fugas, o barroco.